

## João XXIII: o que os judeus me ensinaram

02/05/2014

Maria Clara Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Corria o ano de 1993 e eu trabalhava dividindo meu tempo entre a PUC-Rio e o Centro de Investigação e Ação Social (CIAS), também chamado Centro João XXIII, da Companhia de Jesus, na Rua Bambina 115. Lá, coordenava o projeto chamado Diálogo entre fé e cultura.

Um dia veio ver-me um senhor judeu de nacionalidade argentina, que morava em São Paulo. Perguntou-me se não íamos fazer nada para comemorar a data tão significativa que acontecia aquele ano. Delicadamente mostrei-lhe que não sabia do que falava e perguntei-lhe de que se tratava. Ele esclareceu: fazia 30 anos da morte de João XXIII.

Entre envergonhada e animada, dispus-me a organizar junto com ele o que fosse preciso a fim de preparar uma bela comemoração pelo trigésimo aniversário da morte do Papa João. Assim fizemos.

O evento reuniu umas 100 pessoas no auditório da Rua Bambina. Estavam presentes judeus, cristãos e pessoas não ligadas a nenhuma instituição religiosa. A conferência de abertura foi dada pelo co-organizador que - surpreendendo toda a audiência ao colocar como fundo musical a Ave Maria de Gounod - narrou sua experiência com o Papa João, que chamou durante todo o tempo de "Juan el Bueno".

Contou o que foi sua infância de menino judeu na Argentina, em uma comunidade forte e numerosa, mas em um país maciçamente católico. Sentia a discriminação, a rejeição, muitas vezes pesar sobre seus ombros e sua vida. Sofria quando, em alguma cerimônia católica da qual devia participar, ouvia a expressão "pérfidos judeus" ser proclamada no templo e receber o Amém da assembleia. Até que apareceu o Papa João, "Juan el Bueno".

O orador seguia, cada vez mais emocionado, narrando os feitos pró-judaicos do Papa bom. Durante a Segunda Guerra Mundial, sediado na Turquia neutra, conseguiu salvar muitos judeus perseguidos pelo nazismo com a distribuição gratuita de permissões de trânsito fornecidas pela Delegação Apostólica, certificados de batismo temporários e documentos de imigração para a Palestina, arranjos por organizações judaicas.

O que mais edificava o orador era o respeito de "Juan el Bueno" pelos judeus. Não cogitou convertê-los à força. Diante da ameaça de extermínio, sentiu-se obrigado a defender suas vidas, ainda que isso implicasse uma interpretação não tão usual do Direito Canônico.

Ao mencionar que o Papa João retirou da liturgia da Sexta-feira Santa as duras expressões relativas aos judeus e inaugurou uma nova era de relacionamento e diálogo judaico-católico, o orador mostrava-se emocionado. "Juan el Bueno" influenciou a composição da declaração *Nostra Aetate*, do Concílio Vaticano II, aprovada apenas após sua morte e que é peça chave no diálogo com os judeus. Neste documento, a Igreja rejeita definitivamente as acusações de deicídio ao povo judaico e condena o antissemitismo.

Quando terminou sua fala, o orador estava em lágrimas e boa parte da audiência também. Alguns de nós - católicos - conheciam um pouco ou talvez apenas parte deste lado do Bom Papa João. Mas certamente nunca havíamos escutado um depoimento como esse de um judeu que viu transformada sua visão e concepção do Cristianismo e da Igreja Católica por uma figura como a do papa João.

Ele terminou recitando uma poesia de sua autoria, que compôs ainda menino adolescente em Buenos Aires, quando chegou a notícia da morte de João XXIII. Na singeleza da linguagem infantil e na autêntica emoção que ela transmitia, cada vez que repetia o refrão: "Murió Juan el Bueno". A tristeza do menino judeu argentino era igualmente a de milhões que se sentiram órfãos de alguém que se comportou para com eles como um pai. Um homem bom, que os tratou com amor e caridade, não se importando que sua cultura e sua religião fossem outras, no respeito à diferença e na integração da mesma.

Hoje, a Igreja Católica vive a alegria de contar "Juan el Bueno" entre seus santos canonizados. Para todos os católicos isso implica, além de uma honra, um compromisso: edificar uma comunidade eclesial aberta às diferenças, sem discriminações ou preconceitos, onde todo ser humano possa encontrar a acolhida de uma casa e a presença de irmãos, além de uma instância de diálogo. A perene paternidade do bom Papa João será sempre inspiradora nesse sentido.